

FERNANDO JOSÉ PEREIRA

“Por Detrás da Linha do Horizonte”

Uma condição de impossibilidade, ou, em termos derridianos, de im-possibilidade, encontra-se na base deste filme. Desenvolver um lugar de observação num espaço absolutamente fechado, quase claustrofóbico. Trata-se, na verdade, de uma hipótese que é, também, devedora de outro autor fundamental: Beckett.

Uma sala fechada, com outra dentro de si própria.

Uma sala de um espaço que assistiu ao assassinato de um resistente anti-fascista pela polícia política no tempo da ditadura. Um espaço, portanto, carregado de significação e memória. O espaço ideal para uma reflexão em torno da condição adversa que hoje os artistas encontram para a produção de imagens. Parece uma afirmação paradoxal, tal o número de imagens que hoje é produzido. Tal a facilidade que a tecnologia incute nos seus dispositivos para o fabrico das imagens (o que designei num outro texto como para-imagens, ligadas directamente aos procedimentos algorítmicos da sua produção e à sua ferramenta de uso totalitário: o scrolling). Dispositivos de alteração da realidade, IA, drones, telemóveis com sofisticados sistemas de lentes e software. Tudo preparado para que a velha reivindicação dos artistas sobre a necessidade de um *fazer saber* volte a um novo *saber fazer*, agora, amplamente tecnológico.

Nestas condições, a decisão de filmar num espaço reduzido, com a utilização única de uma lente de 50mm (aquela que mimetiza o olhar humano), dois actores que não saem do seu lugar, uma grande ênfase nas palavras e em formato 4:3 tudo, obviamente, obsoleto perante as possibilidades infundáveis das possibilidades actuais. Todas as opções revelam-se assim de importância acrescida: trata-se já não de retórica, mas da utilização de própria linguagem das imagens para resisitir. É, por isso, um fazer artístico e um acto político.

“Play / Pause”

Estas são duas palavras que entraram no nosso quotidiano há já bastante tempo. Aqui, referem-se metaforicamente a dois momentos diferenciados da realidade e, contudo, captados através da utilização deliberada de dois planos fixos longos: o primeiro; como em pleno frenesim de um dia de intensa actividade numa rua e, em particular, numa casa em construção, se consegue concentrar a atenção no exercício aparentemente mais inútil que aí podemos encontrar. Talvez “Pause / Play”. O segundo; como uma avaria no sistema eléctrico de uma das torres da City em Londres, coração do sistema financeiro, permite uma espécie de dança hipnótica que, acompanhada de uma banda sonora realizada propositadamente para as imagens, introduz a hipótese contemplativa como possibilidade activa de fruir a realidade. Aqui, ao contrário do primeiro momento, o som da realidade é apagado. Uma pausa, portanto. Na nossa realidade 24/7, como Jonathan Crary lhe chama, os momentos de pausa são mal vistos: não produtivos, preguiçosos, etc. daí que a pausa afirme, também, uma significação política.

Acrescento, para finalizar, duas outras componentes decisivas: a duração e a resistência. Esta exposição é exigente com o público em termos de tempo. Deliberadamente. Resistir ao capitalismo digital e ao seu objectivo de instantaneidade não é apenas uma opção, é uma necessidade absoluta.

E, no entanto, tudo o que aqui foi dito serve para quem tem as necessidades fundamentais concretizadas. Muitos milhões não se podem orgulhar disso. Estas obras foram realizadas com o pensamento em Gaza e no genocídio que aí vemos decorrer e aprofundar-se diariamente. Ficar calado, mudo, virar a cara para o lado é ser cúmplice. A arte não consegue mudar nada, mas consegue, pelo menos, produzir um fenómeno de ressonância no espectador que pode configurar a mudança. Quando isso acontece, torna-se activa, resiste.

Sem medo de pretensos panfletarismos, termino com uma dedicatória sentida: esta exposição é para todos aqueles que em Gaza conseguem, de forma im-possível resistir: a Palestina será livre.

Fernando José Pereira
Junho de 2025

‘Behind the Skyline’

A condition of impossibility, or in Derridean terms, im-possibility, lies at the basis of this film. Developing a place of observation in a closed, almost claustrophobic space. It's a hypothesis also indebted to another fundamental author: Beckett.

A closed room with another room inside.

A room in a space that witnessed the murder of an anti-fascist resistance fighter by the political police during the dictatorship. A space, therefore, full of meaning and memory. The ideal space for reflecting on the adverse conditions artists find today when producing images. It seems a paradoxical statement, given the number of images produced today. Such is the ease that technology instils in its image-making devices (what I have described in another text as para-images, linked directly to the algorithmic procedures of their production and their tool of totalitarian use: scrolling): reality-altering devices, AI, drones, mobile phones with sophisticated lens systems and software. Everything is in place so that the artists' old claim about the need to make it known can return to a new way of know-how, now primarily technological.

Under these conditions, the decision to film in a small space, with the sole use of a 50mm lens (the one that mimics the human gaze), two actors who don't move from their seats, a great emphasis on words and in 4:3 format is all obsolete in the face of the endless possibilities of today. All the choices are thus of added importance: it is no longer a question of rhetoric, but of using the language of images itself to resist.

It is therefore an artistic endeavour and a political act.

‘Play / Pause’

These are two words that entered our daily lives a long time ago. Here, they metaphorically refer to two different moments in reality, yet they are captured through the deliberate use of two long fixed shots: the first; how, in the frenzy of a day of intense activity in a street and, in particular, in a house under construction, we manage to focus our attention on the most pointless exercise we can find there. Perhaps ‘Pause / Play’.

The second one; like a malfunction in the electrical system of one of the towers in the City of London, the heart of the financial system, allows for a kind of hypnotic dance which, accompanied by a soundtrack made specifically for the images, introduces the contemplative hypothesis as an active possibility of enjoying reality. Here, unlike the first moment, the sound of reality is switched off. A pause, then.

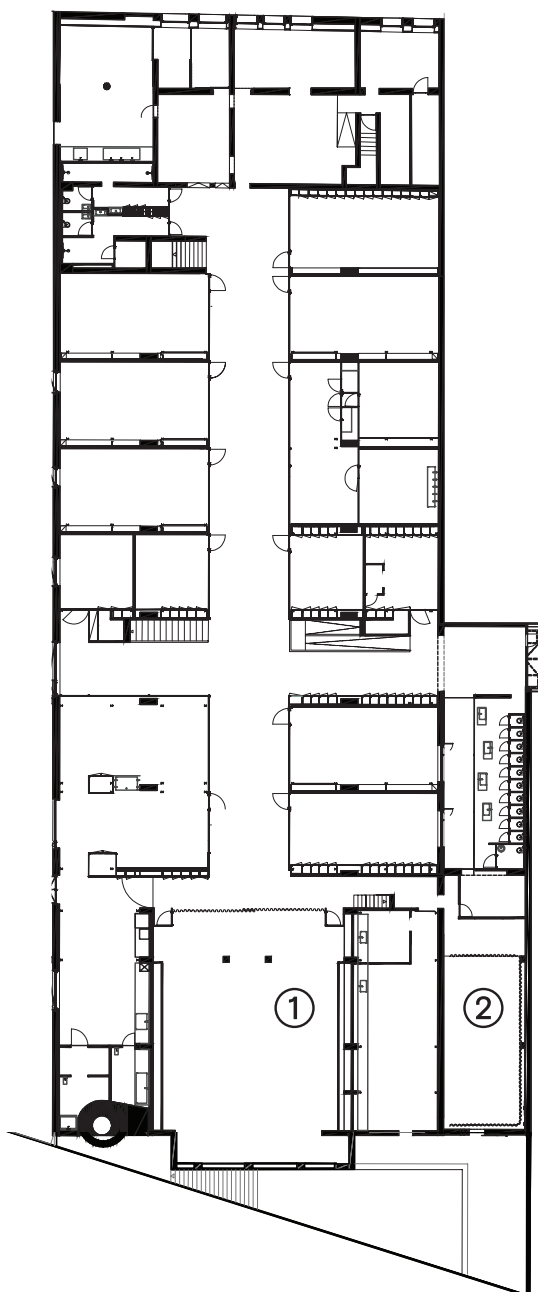
In our 24/7 reality, as Jonathan Crary calls it, moments of pause are frowned upon: unproductive, lazy, etc. That's why the pause also has a political significance.

Finally, I would add two other decisive components: duration and resistance. This exhibition demands much time from the public. Deliberately so. Resisting digital capitalism and its goal of instantaneity is not just an option; it's an absolute necessity.

And yet, everything said here applies to those whose basic needs are realized. Many millions cannot be proud of that. These works were carried out with Gaza in mind and the genocide that we see taking place there, deepening daily. To remain silent, mute, and look the other way is complicit. Art can't change anything, but it can produce a resonance phenomenon in the viewer that can lead to a change. When that happens, it becomes active, it resists.

Without fear of pretentious pamphleteering, I'll end with a heartfelt dedication. This exhibition is for all those in Gaza who have managed, in an im-possible way, to resist: Palestine will be free.

Fernando José Pereira
June 2025



1 — *Por detrás da linha do horizonte*
 Projeção: Filme 4K
 30':32" — 2025

2 — *Play/Pause*
 Instalação Audio-visual
 33':03" — 2025

PISO 0



TheSpaceInYourHead | Program October 2024 — November 2025 | TheSpaceInYourHead will explore the physical and spatial characteristics of DÍNAMO which, at this moment, benefits from the circumstance of maintaining an area still in the construction phase and, therefore, open to multiple and untimely possibilities of artistic intervention that will be aimed at *in situ practice* — fostering the dialogue of the works with a singular space but also with the history of that place, the architecture, the landscape, the people.

Programação — Eduarda Neves | + info: https://esap.pt/en/dinamo_galeria/galeria-home-dinamo/

Monday – Friday
 11AM – 7PM

20.06.25 – 25.07.25

ENTIDADES PARCEIRAS

esap

Escola Superior
 Artística do Porto

DÍNAMO
 GALERIA



COM O APOIO

Porto.